

PSICODRAMA NO CENTRO CULTURAL SÃO PAULO: CONTRIBUIÇÕES PARA REFLEXÃO

RESUMO

Algumas reflexões, depois de três anos de psicodrama público realizado semanalmente no Centro Cultural São Paulo. Que grupo é esse, qual a sua especificidade e que problemas suscita são algumas das inquietações percorridas neste trabalho.

DESCRITORES

Psicodrama público; grupo; subjetividade contemporânea; utopia moreniana.

ABSTRACT

This paper presents some of the author's reflections on the weekly public psychodrama sessions at the São Paulo Cultural Centre that have been running for three years. What are the characteristics of the group attending these sessions and what are the issues they raise, are some of the questions the paper tries to address.

KEYWORDS

Public psychodrama; group; contemporary subjectivity; Morenian utopia.

INTRODUÇÃO

Tenho participado, junto com outros companheiros, do processo de organização e realização desse evento desde o início, em agosto de 2003. Hoje, em julho de 2006, podemos olhar e refletir ao longo desses quase três anos de atividade do psicodrama no Centro Cultural São Paulo (CCSP), situado próximo à estação de metrô Vergueiro, na cidade de São Paulo. Cerca de 80 sessões se realizaram com uma média de 65 pessoas em cada, totalizando 5200 presenças.

Trata-se de um grupo aberto com coordenação variável, em que psicodramatistas de diferentes linhas de trabalho se revezam na direção. É um

grupo que, a meu ver, se situa entre numerável e inumerável, ora assumindo características de um grupo-massa, inumerável, ora assumindo características de um pequeno grupo social, numerável, no qual os companheiros grupais são discerníveis. Várias formas de avaliação e discussão se desenvolveram: um *forum* eletrônico interno dos organizadores, questionários distribuídos aos participantes, reuniões da equipe de organização e dos diretores, mesas-redondas com a participação de outros especialistas, discussão dramatizada com os participantes, uma publicação com resumo e comentários de diversas direções realizadas, fotos dos eventos e dos psicodramas, e, por fim, agora essa mesa-redonda no Congresso do IAGP, em julho de 2006.

Algumas perguntas são constantemente formuladas e estamos num processo de tentativas de respostas. As que ficaram mais gravadas comigo são: 1- O que é fazer psicodrama gratuitamente, num espaço cultural público municipal? Existe uma especificidade? Qual é a identidade deste trabalho? 2- O que se entende por espaço cultural público? 3- O que é trabalhar com a cidadania? 4- O melhor enquadramento para este trabalho é o psicodramático ou o sociodramático? Ou o que fazemos é necessariamente psicossociodramático? 5- É melhor trabalharmos com temas predefinidos ou com tema emergente, aberto? 6- Como podemos caracterizar a subjetividade contemporânea que tem atravessado nosso trabalho? 7- Quem frequenta habitualmente as sessões? Qual é a motivação dessas pessoas? Existem as que frequentam muito assiduamente e fazem um processo? 8- O que pode ser considerado psicoterápico nesse trabalho? 9- Como articulamos o público e o privado?

Sem querer ser muito preciso, vou passar a relatar alguns pensamentos, agrupados em tópicos, que atravessam estas questões. Algumas reflexões são provenientes de nossas discussões internas e outras, mais pessoais, pelas quais assumo total responsabilidade.

O DISPOSITIVO CULTURAL

Todo dispositivo cultural, como, por exemplo, o CCSP, tem como função acolher e fomentar um espaço de resistência. Trata-se de um lugar público onde, além de se oferecer convivência, a vida deve ser potencializada numa vivência estética e transformadora.

O CCSP é sentido como suficientemente sem dono para permitir e abrigar diversas formas de expressão cultural contemporânea. É um grande espaço público no qual as pessoas não ficam inibidas de estar. É a biblioteca mais frequentada dos serviços públicos municipais. O Centro e o psicodrama são frequentados por um público muito variável, desde moradores da periferia de São Paulo, sem teto, jovens artistas, grupos com algum tipo de *handicap*, pacientes de um hospital psiquiátrico próximo, pessoas que estavam passando pelo local, incluindo, no caso do psicodrama, estudantes de psicologia, de psicodrama, sociólogos etc...

A SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

A relação entre as dimensões individual e social tem se caracterizado

por uma exterioridade mútua entre ambas as dimensões. É uma tendência que se impõe atualmente e com a qual devemos ser críticos. Nosso trabalho, como grupalista, está imerso nestas duas dimensões e existe constantemente o risco de anular um destes pólos tensionais. Por um lado, existe o risco de que o conceito de indivíduo seja formulado de maneira a impedir o reconhecimento do grupo em si; por outro lado, o conceito grupal pode adquirir uma conotação intencional por si próprio, que não permite visibilidades singulares de seus componentes. Assim, para as ciências 'psi', o social pode ser: 1. somatório de estruturas do indivíduo; 2. condicionamento do mundo interno do indivíduo; 3. intervenção das condições socioculturais na constituição psíquica do indivíduo, de maneira quantitativa, sem identificar os modos de conexão teórica pertinentes. E o psíquico, ou a subjetividade, para as ciências sociais, pode ser apenas uma generalização, sem consistência.

No psicodrama, Moreno inicia e fundamenta seus trabalhos a partir de psicodramas públicos. O adjetivo público aqui denota uma característica do grupo aberto, não numerável, predominantemente não processual, no qual se trabalham temas de interesse público. Eu pergunto: mas o que é público e o que não é público? Existe psicodrama com tema não público? Este adjetivo – público – estaria se referindo originalmente a uma determinada característica do instrumento grupal do psicodrama, o fato de ser aberto, não numerável e não processual.

Também podemos pensar que o público pode se referir a uma característica dos contextos grupal e social, pelo fato de estar se realizando numa instituição pública, de forma gratuita e, necessariamente, precisar de uma série de entendimentos com a instituição. Os contextos dramático e grupal não estão fora do contexto social, fazem parte integrante e o constituem, também.

Voltando a Moreno, o vínculo, o papel e a ação dramática espontânea e criativa são os pontos de vista centrais na sua epistemologia. Ele olha para o intrapsíquico como representações formadas por aquilo que algum dia foi intersíquico, portanto, este subordinado por aquele. Aqui o social condiciona o mundo interno do indivíduo. Para ele o psíquico é sócio, apontando para uma transversalidade do processo entre o intrapsíquico, o intersíquico e, além disto, para a co-responsabilidade da produção do trabalho psicodramático e do estar no mundo que criamos.

Podemos identificar nos conceitos morenianos e de seus seguidores diversos aspectos dessa postura e, também, das lacunas e contradições dessa articulação. Por um lado, o conceito de papel aponta para a dobra entre o psi e o social; a relação entre espontaneidade e conserva cultural indica o íntimo engendramento mútuo das dimensões culturais e psíquicas. Por outro lado, creio que o fato de as estruturas sociométricas dos pequenos grupos passarem para a subjetividade contemporânea se resente de conceitos qualitativos ausentes nesta teoria. O que seria especificamente psíquico, sem possibilidade de redução a outro campo?

Reflexões mais pertinentes ao especificamente psíquico e às articulações da subjetividade e dos fenômenos socioculturais são instrumentos

necessários, nem sempre presentes como gostaríamos, pois nos auxiliariam muito em nosso trabalho contemporâneo. Um dos caminhos possíveis tem sido olhar a palavra e as cenas como representação simbólica, como linguagem que está na origem do laço social e da expressão especificamente humana, engendrando-se mutuamente.

A subjetividade contemporânea chama a atenção para o processo de transformação do cidadão em consumidor. Ter consciência de cidadão dentro de um território nacional era o objetivo a ser alcançado na modernidade industrializada. Na sociedade globalizada, sem fronteiras nacionais, dominada pelo desenvolvimento do capital internacional, a formação de consumidores cativos passa a ser o objetivo. Consumidor como posição determinante que trama a natureza do ser humano de nossa época.

Na sociedade de consumo o novo é melhor porque é novo e chegamos, paradoxalmente, a ter obrigação de ser novo e criativo a todo instante. Tudo se espera do objeto a ser consumido e nada do sujeito, transformado que está, nesta sociedade de consumo e espetáculo, a ser somente objeto de consumo ou consumidor. Não existem modificações do objeto pelo sujeito e vice-versa.

Os estados nacionais engendraram práticas cívicas e a consciência do cidadão. O mundo globalizado, supranacional, engendrou práticas de consumo e de formação de imagem. Não basta consumir, tem que parecer que consumiu para um outro que também consome. O consumo requer um espectador, também consumidor, que testemunhe o *reality show* do consumo.

Voltando a pensar no psicodrama público do Centro Cultural, uma de nossas questões tem sido a de tentar situar esse trabalho não como mais um produto a ser consumido.

PROCESSOS DE CO-CRIAÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS

Numa das avaliações com o grupo de participantes do psicodrama, uma questão me chamou a atenção: quando interrogados sobre suas preferências, levando em conta a distinção entre psicodrama e sociodrama, a resposta foi que o mais importante era a participação efetiva no processo de trabalho. Eles não queriam sentir-se ausentes e meros espectadores de um trabalho que não os levasse em conta efetiva no próprio processo de realização do psicodrama, seja ele psicodrama no seu senso específico ou sociodrama.

Penso que nesta fala fica evidenciado que as pessoas valorizam o processo de fazer junto, e de não quererem ser tratados como consumidores. Processo de co-existência, co-experiência e co-criação. Estar junto neste processo e poder criar coletivamente alternativas, seja para questões vividas como individuais ou vividas como problemas coletivos. O que deve ser valorizado neste processo é a possibilidade de estar junto, criando, e a sensação de pertencer, de falar com um desconhecido e ser ouvido por um desconhecido. Criar um lugar, um território. Deixar de ser consumidor, objeto, anônimo. Transformar não lugares desterritorializados em lugares próprios e singulares de criação.

SONHANDO JUNTO

Em muitas ocasiões, tanto como diretor ou como membro da platéia, senti-me imerso numa atmosfera mágica, onírica, junto com o grupo. Sonhando junto. Penso que esta é uma das características básicas do que eu chamo de terapêutico. Atravessar o sonho do outro e se deixar atravessar pelo sonho dele. Criar, juntos, condições de sonho onde ele não existe. Poderíamos dizer, numa outra linguagem, que se trata de criar trama psíquica, o próprio psiquismo. E voltando à questão da diferenciação entre o público e o privado, penso que o sonho é, ao mesmo tempo, o que há de mais privado e público. Sonhar junto, e depois contar o sonho num grupo, passa pela própria dobra entre o psico e o sócio.

REALITY SHOW X PSICODRAMA

Um dos paradigmas da ideologia dominante atual são os programas tipo *reality show*. Podemos, à primeira vista, pensar que, por se tratar de programas de interação com o público, tem algum parentesco com o psicodrama. Nada mais errado! É o oposto. Nestes programas é incentivada a exclusão e a sobrevivência dos mais aptos. A imagem é obscena, pois é a observação de fora da cena, isto é, pelo buraco da fechadura, devassando a intimidade. No psicodrama, ao contrário, trabalhamos com a inclusão de pessoas sociometricamente periféricas, e sempre através da implicação, isto é, da co-experiência, co-existência e co-criação. Talvez essa questão da intimidade não obscena seja uma das mais relevantes num psicodrama público. A avaliação cuidadosa do diretor a respeito da capacidade de continência daquele grupo, naquele momento, é crucial. Não é recomendável o diretor vir com caminhos prontos e aplicá-los ao grupo.

POR FIM, COMENTÁRIOS SOBRE A UTOPIA MORENIANA

Moreno aponta para um lugar que não existe, por isso mesmo a denomina utopia. Mas este lugar utópico muito se diferencia do *não lugar* desterritorializado da sociedade de consumo. A utopia moreniana aponta para uma afirmação produtiva. É um lugar que não existe, contrapondo-se criticamente a algum lugar atual.

O psicodrama migrou dos psicodramas públicos das ruas para o delimitado espaço dos consultórios, salas de aula e de treinamento atuais. Um movimento de sobrevivência, necessário para o seu desenvolvimento, mas com o preço de diminuir seu impacto revolucionário. Tornou-se predominantemente mais uma forma de psicoterapia, treinamento ou dispositivo grupal. Hoje podemos sonhar juntos, mais uma vez, com um trabalho psicodramático que sabemos ser também político, contribuindo para a construção de um mundo melhor.

Endereço do autor:
R. Purpurina, 155 / 51
São Paulo – SP

E-mail: pedromasca@uol.com.br

